

# DA CRIANÇA QUE FUI AO ADULTO QUE SOU: NARRATIVAS SOBRE LIMITAÇÕES E SUPERAÇÕES COM O FREIO LINGUAL<sup>1</sup>

Luís Claudio Santana de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Plena em Pedagogia, realizado no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), busco refletir sobre a própria narrativa de vida nos contextos familiar, escolar, social e profissional, frente às dificuldades oriundas da anquiloglossia, trazendo um novo olhar às diversas adaptações impostas pela limitação na fala. Para isso, delineei os seguintes objetivos específicos: descrever o processo de descoberta do freio lingual no meu ambiente familiar; relatar os obstáculos decorrentes do freio lingual, vivenciados por mim, no espaço escolar/acadêmico; abordar os empecilhos decorrentes do freio lingual que lidei no ambiente profissional; e, discorrer sobre como o freio lingual tem reverberado na minha prática enquanto educador. O estudo, de abordagem qualitativa, utilizou o método autoetnográfico. Espero com este artigo incitar a realização de novos estudos que permitam ampliar as reflexões sobre o tema anquiloglossia, em especial no âmbito escolar, haja vista a pouca produção acadêmica existente.

**Palavras-chave:** anquiloglossia; educadores - São Francisco do Conde (BA) - biografia; freio lingual.

## ABSTRACT

In this Completion Work for the Full Degree in Pedagogy, carried out within the scope of the University of International Integration of Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), I seek to reflect on the narrative of life itself in the family, school, social and professional contexts, in the face of the difficulties from ankyloglossia, bringing a new look to the various adaptations imposed by speech limitations. For this, I outlined the following specific objectives: describe the process of discovering the lingual frenulum in my family environment; report the obstacles arising from the lingual frenum, experienced by me, in the school/academic space; address the obstacles arising from the lingual frenulum that I dealt with in the professional environment; and, discuss how the lingual frenulum has reverberated in my practice as an educator. The study, with a qualitative approach, used the autoethnographic method. With this article, I hope to encourage further studies that will allow us to broaden reflections on the subject of Angloglossia, especially in the school context, given the limited academic production that exists.

**Keywords:** ankyloglossia; educators - São Francisco do Conde (BA) - biography; lingual frenum.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Cardoso Silveira.

<sup>2</sup> Graduando na Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Orgulhosamente baiano, da cidade de São Francisco do Conde - Ba, fazedor de arte desde criança, atualmente em fase de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, sinto a necessidade de falar um pouco a respeito de uma “deformidade” que me acompanha desde o meu nascimento. Tal deformação recebe o nome técnico de anquiloglossia, popularmente conhecida como “freio lingual” ou “língua presa”. A mesma é caracterizada por uma “anomalia de desenvolvimento da língua, que pode ocorrer de forma parcial ou total, na qual o freio lingual se encontra mais curto, resultando na eliminação dos seus movimentos” (PROCOPIO, et.al, 2017, p.114).

Nessa direção, Gomes (et.al, 2015, p. 21) também explica o que é o freio lingual:

[...] é uma prega mediana de túnica mucosa que recobre a face lingual da crista alveolar anterior. A alteração ocorre quando uma pequena porção de tecido embrionário, que deveria ter sofrido apoptose durante o desenvolvimento, permanece na face ventral da língua, causando alterações de inserção e/ou comprimento. A alteração nesta estrutura pode se manifestar de diversas formas, desde uma prega que tem a inserção na crista alveolar até a que surgirá após as carúnculas sublinguais. O mesmo ocorre com a inserção na base da língua que pode estar inserida no ápice lingual ou antes dele [...]

De acordo com Procopio (et. al, 2017, p.116) a origem do freio lingual é desconhecida, porém algumas pesquisas apontam a possibilidade da mesma está associada a “mutações genéticas, acompanhadas ou não por outras alterações congênitas”. O autor acrescenta que, com base na literatura, a proporção de pessoas que possui a anquiloglossia varia de menos de 1% a 10,7%, sendo mais recorrente entre os indivíduos do sexo masculino.

Gomes (et.al, 2015, p. 21) coloca que as consequências do freio lingual variam de acordo com a idade da criança. Entre elas, destacam-se a dificuldade no aleitamento materno, inclusive retardando o ganho de peso do bebê; na forma grave, pode ocorrer problemas no desenvolvimento da mandíbula (PROCOPIO, et.al, 2017); e, pode “alterar a aquisição e produção de alguns sons na fala” (GOMES, et.al, 2015, p. 21). Com a redução da mobilidade da língua, ocorre a “imprecisão articulatória devido a redução da abertura da boca e a dificuldade na aquisição ou produção distorcida do fonema [r] e dos grupos consonantais com [l] e com [r], além da distorção para os fonemas fricativos” (GOMES, et.al, 2015, p. 21).

Dessa forma, são muitos os prejuízos da anquiloglossia, passando pelo atraso na aquisição da linguagem, ou seja, trazendo obstáculos na alfabetização da criança; afetando os processos de socialização do indivíduo desde o período da infância até a fase adulta.

Atualmente, a anquiloglossia é tratada de forma cirúrgica, através da frenectomia, que segundo Gomes (et.al, 2015, p.21) é um procedimento simples, realizado em consultório odontológico, que permite a “secção da porção mais fina deste tecido localizada entre o processo alveolar e o dorso da língua [...], por fim, é realizada a sutura [...]”. Pesquisas como a de Gomes (et.al, 2015) apontam que a cirurgia permite ganhos ao indivíduo, pois contribui para uma maior mobilização da língua. Entretanto, após a cirurgia, é crucial o acompanhamento fonoaudiológico para potencializar os resultados.

Nessa direção, diagnosticado com o “freio lingual” e, por isso, com prejuízos na dicção, sempre convivi com práticas discriminatórias, que na maioria das vezes se mostravam disfarçadas de brincadeiras. Foram muitas as pessoas que, em um primeiro momento, fizeram comentários perversos e riram sem nenhum pudor ao me ver falar. Após darem conta da crueldade que estavam fazendo, buscavam se redimir, disfarçando em relação ao ocorrido. Este tipo de atitude me trouxe, ao longo do tempo, problemas na minha escolarização e socialização. Foram muitas as tentativas de falar sem ser motivo de riso; as correções em relação à minha pronúncia; o sofrimento do não saber como escrever aquilo que estava sendo pronunciado.

Desta forma, busco neste artigo **refletir sobre a própria narrativa de vida nos contextos familiar, escolar, social e profissional, frente às dificuldades oriundas da anquiloglossia, trazendo um novo olhar às diversas adaptações impostas pela limitação na fala.** O freio lingual me tornou uma criança com um modo diferente de falar e, por isso, as barreiras se ampliavam a cada nova série escolar, pois sempre escrevia da maneira que pronunciava as palavras, trocando as letras. Para dar conta desse propósito, tracei os seguintes específicos: **a)** descrever o processo de descoberta do freio lingual no meu ambiente familiar; **b)** relatar os obstáculos decorrentes do freio lingual, vivenciados por mim, no espaço escolar/acadêmico; **c)** abordar os empecilhos decorrentes do freio lingual que lidei no ambiente profissional; **d)** e, discorrer sobre como o freio lingual tem reverberado na minha prática enquanto educador

Este trabalho, de abordagem qualitativa, utiliza o método autoetnográfico, assim definido:

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um

povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve) (SANTOS, 2017, p. 218)

De acordo como Gama (2020, p. 190), na autoetnografia, o antropólogo reflete “sobre sua própria experiência, ou a partir dela, para analisar questões da sociedade e/ou cultura à qual pertence”. Esse tipo de pesquisa requer “múltiplas camadas de reflexividade, uma vez que a pessoa que pesquisa e aquela que é pesquisada são a mesma” (GAMA, 2020, p. 190).

Nessa perspectiva, espero neste texto contemplar algumas experiências que marcaram a minha história de vida, trazer memórias conscientes e inconscientes, do passado individual e do passado coletivo. Desejo nestas linhas, despargir situações adversas por mim vivenciadas e até mesmo não ditas; um problema nunca camuflado durante a minha existência, se tornando referência no que tangia a falar a meu respeito. Anseio ainda, com este artigo, incitar a realização de novas pesquisas que permitam ampliar as reflexões sobre o tema, em especial no âmbito escolar, haja vista a pouca produção acadêmica existente.

Este texto está organizado em seis seções, incluindo esta introdução. Na segunda parte, descrevo acerca das minhas vivências no ambiente familiar, sinalizando o momento de descoberta do freio lingual; na terceira seção, trago parte das minhas experiências com a anquiloglossia na Educação Básica e no Ensino Superior; em seguida, aponto as principais dificuldades enfrentadas no exercício profissional; posteriormente, discorro sobre como o freio lingual tem reverberado na minha prática docente; e, por fim, apresento as considerações finais.

## **2 O FREIO LINGUAL NO AMBIENTE FAMILIAR**

Aos 15 dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e nove, em uma casa localizada no centro de São Francisco do Conde, com o auxílio da parteira Mãe Leonor, a minha mãe deu à luz ao seu terceiro filho, sendo o primeiro e único bebê de língua presa da família. O fato de não ter nenhum outro membro com essa deficiência, contrapõe as pesquisas que apontam a possibilidade da anquiloglossia se desenvolver devido à hereditariedade.

A minha mãe, mulher solteira, cursou apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja profissão era Auxiliar de Serviços Gerais, não realizou pré-natal ou qualquer tipo de

acompanhamento médico, durante a gestação, no parto e após o nascimento, que pudesse prever ou diagnosticar o freio lingual.

É importante lembrar que antes dos anos oitenta, a medicina ainda não estava tão avançada, sendo que não existia o teste da linguinha, exame que permite diagnosticar se a criança tem o freio lingual. Atualmente, temos a Lei Federal nº 13.002, de 20 de junho de 2014, que no Art. 1º coloca a obrigatoriedade da realização do protocolo de avaliação do Frênulo da Língua em Bebês nascidos em todas as unidades hospitalares e maternidades.

Segundo a minha mãe, antes de eu pronunciar as minhas primeiras sílabas, ninguém tinha percebido que havia algo diferente comigo, uma vez que o período de amamentação transcorreu normalmente, e eu não apresentei dificuldades de deglutição, embora, o frênulo possa ocasionar tal problema.

A percepção de que algo diferente acontecia comigo, ocorreu quando eu tinha seis meses de vida, especificamente, quando surgiu o disco de vinil denominado de “Caia na Gandaia”, contendo a música “Dancin Day”, que embalou muitas festas em São Francisco do Conde; sendo “Na Gandaia” a denominação dada as pessoas que se aventuravam em uma coreografia própria. Eu coloquei os braços para cima e desenvolvi um ritmo dançante, tentando colocar a língua para fora; foi então, neste momento, que as pessoas perceberam que eu tinha uma dificuldade para movimentar o referido órgão muscular, seja para externalizá-la ou elevá-la até o céu da boca.

Considerando que até o primeiro ano de vida, a criança emite apenas sílabas ou pequenas palavras, não foi possível observar nada alterado na minha dicção. Porém, quando completei dois anos, fase em que a criança começa a falar com mais clareza ou até mesmo construir pequenas frases, a minha mãe percebeu que eu não pronunciava corretamente alguns vocábulos iniciados com a consoante “C”. Por exemplo, ao tentar pronunciar a palavra “casa”, emitia “gasa”. Sem ter uma noção de qual era a causa, acreditaram que com o tempo eu fosse aprender a pronunciar corretamente, até porque, eu tinha uma prima que falava de forma similar e, que ao crescer, passou a se comunicar normalmente. Porém, o “anormal”, cada vez mais se firmava, e a forma como eu falava foi se tornando o meu normal, dando espaço às referências e comparações pejorativas. Dessa forma, comigo, a espera e a falta de informação, se tornaram verdadeiras vilãs no que tangia a solução desse problema.

Aos três anos de idade, por vezes, a minha irmã tentava me corrigir, dizendo as palavras corretas para eu repeti-las, contudo, essa estratégia, não me fazia bem. Minha mãe relata que em situações como essa, eu demonstrava ficar ansioso e chateado. Já com seis anos,

comecei a me questionar: Por que todos falam certo e eu errado? A ânsia de expressar de forma correta para que as pessoas entendessem o que estava exprimindo, só me travava. Assim, surgiam sentimentos de incapacidade e tristeza; era uma tempestade de ideias negativas a respeito do ser diferente e de não falar corretamente.

Pessoas que estavam próximas à minha família demonstravam incômodo com o meu jeito de falar, inclusive, indagavam sobre o porquê de eu ser assim; se tinha algum parente com a mesma anomalia. Porém, atitude como essa só me estimulava a querer superar o problema. Na oportunidade, ressalto que nunca tive uma postura de “coitadinho” ou de “patinho feio” da família. Ao contrário, sempre busquei ser mais desinibido do que meus irmãos.

Reconheço que a minha família sempre foi um verdadeiro alicerce no que tange ao enfretamento do freio lingual; me respeitando e, muitas vezes, sendo tradutora do que eu falava, tentando com esta ação não me deixar infeliz. Inclusive, qualquer tipo de riso direcionado a mim, era sempre represado.

Ao conviver com outras pessoas fora do seio familiar, nasceram vários apelidos, como: “o Gaguinho” e o “Gago de Marina”. Algumas vezes, esses ecoavam de forma pejorativa, como se eu tivesse uma doença, e a mesma se mostrasse como uma referência para me identificar no meio dos denominados “normais”. Apesar disso, ressalto, mais uma vez, que sempre procurei não demonstrar o meu incômodo; é como se eu colocasse uma máscara para disfarçar tudo que estava sentindo; eu não queria, de forma alguma, ser visto como “o coitado do gaguinho”. Assim, utilizava aquele “defeito na voz” como um álibi para chegar de forma mais alegre as pessoas. Nunca utilizei a minha forma de falar para me vitimizar; sempre procurei mostrar que essa condição não me tornava inferior a ninguém.

Morei, por um longo período, próximo a 21ª delegacia de polícia da minha cidade. Nesse espaço, as coisas eram mais calmas, pois os policiais que ali trabalhavam era uma espécie de extensão familiar. Além de me sentir bem ao conversar com eles, que assim como todos, achavam engraçado a minha fala, tudo era diferente, havia respeito e compreensão; eles sabiam os momentos de brincar e de falar sério; me transmitiam confiança e liberdade para pronunciar as palavras de forma tranquila e natural, sem pudor ou preocupação em utilizar expressões sinônimas às iniciadas com “C”, “K” ou que tivesse na sua composição as sílabas “Que”, ou “Ca”, algo muito recorrente ao falar com terceiros. Assim, sinto muita saudade ao lembrar esse momento da minha vida; o que demonstra a importância de a criança ser tratada pela sua essência, com afeto, atenção e respeito.

Infelizmente, como destaquei neste texto, no lugar de afeto e respeito, muitas vezes, lidei com desafeto, ou ainda com aquilo que é denominado de violência simbólica, seja através de apelidos, brincadeiras ou risos.

As experiências negativas têm uma nódoa mais agressiva que as positivas; elas mancham o psicológico de quem não sabe lidar com elas, se prolongando ou multiplicando numa velocidade absurda, como um vírus. Dessa forma, ao discutir acerca da violência simbólica, especificamente sobre bullying, Tognetta (2005, p.4) coloca que “[...] quem sofre *bullying* tem uma grave alteração na estima que tem de si mesmo, ou do valor que se atribui tanto para baixa-estima como para alta, como a não reconhecer em si um valor ou que os outros também precisam ser valorizados”.

Retomando um dos propósitos desse tópico que é contemplar a descoberta do freio lingual, aos 7 anos, de forma ocasional numa consulta odontológica, a Dra. Magali deu o diagnóstico de que eu tinha a língua presa, se colocando à disposição para realizar ali mesmo a frenectomia. Porém, por medo, a minha mãe não permitiu que tal procedimento fosse feito; prometendo, em outro momento, realizá-lo, o que nunca aconteceu.

### **3 A ESCOLA E O FREIO LINGUAL - A VOZ DÁ O RITMO À ESCRITA**

Aos seis anos de idade fui matriculado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na rede pública de ensino de São Francisco do Conde. Me lembro da ausência de preparação dos profissionais da instituição para trabalhar com as diferentes necessidades dos estudantes. Assim, essa instituição, como tantas outras, conviviam como o “fenômeno da pseudoinclusão”, que ocorre quando o estudante com deficiência consegue o acesso à escola regular, mas não é “devidamente incluído no processo de aprender” (PIMENTEL, 2012, p.140).

Concordo com Crochik (2012) que a escola inclusiva é aquela que além de ampliar o acesso, garante direitos iguais de aprendizagem para todos que ali estão inseridos. Conforme o autor, para que isso se concretize, é preciso provocar mudanças na infraestrutura, no currículo, nas práticas de ensino e na avaliação.

Santos (2012, p.437) acrescenta que a educação inclusiva é uma “proposta filosófica” compreendida como um importante conquista dos movimentos que trabalham em prol da inclusão social. Para o autor, a escola inclusiva é aquela que reconhece e aceita a diversidade

humana; que “cria condições para que todas as pessoas, consideradas as suas diferenças, possam se desenvolver e usufruir de oportunidades, garantindo os princípios da equidade e a qualidade de vida”.

Nessa direção, Pimentel (2012, p. 142) ao discutir sobre os saberes necessários para inclusão escolar de estudantes com deficiência, destaca que como não existe um “perfil único da deficiência”, é essencial que haja um acompanhamento contínuo e individual de cada estudante, com a participação da família, dos docentes e até mesmo de outros profissionais especializados. Para a autora, “as deficiências não podem ser tratadas genericamente, há que se levar em conta a condição que resulta da interação da pessoa com o seu ambiente”; a escola deve estar informada sobre as especificidades/particularidades das deficiências dos seus educandos, bem como acerca das ferramentas necessárias para que o estudante possa se desenvolver nos aspectos social, cognitivo, psicomotor e afetivo (PIMENTEL, 2012).

Infelizmente essa não era a realidade da minha escola, pois além dos professores terem demonstrado carência de conhecimentos específicos sobre o freio lingual, os mesmos, inclusive, achavam engraçado a minha forma de falar. Assim, sem o devido acompanhamento por parte dos professores, e da ausência de profissionais como Odontopediatras e Fonoaudiólogos no espaço escolar, as minhas dificuldades no processo de alfabetização se ampliavam.

Vale destacar que a capacitação não deve ser apenas dos professores, mas também dos demais profissionais da instituição, como o “tio da portaria”, a “tia da merenda”. A questão que coloco é, como esses sujeitos deveriam se comportar quando eu dizia: Me dá uma “Golher” ou vou para “Gasa” mais cedo?

Esse período inicial de alfabetização foi um dos momentos mais difíceis para mim, pois o falar de forma “errada”, me levava também a uma escrita “errada”, afinal, eu era fiel a minha pronúncia. As dúvidas sobre como escrever e dizer certas palavras, me fazia perceber que aquela anomalia impactava na minha comunicação verbal e, por vez, impedia que eu alcançasse melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Nas atividades de escrita, uma estratégia que eu utilizava para enfrentar as limitações, foi me atentar a pronúncia dos colegas como referência para saber quais letras deveriam ser utilizadas em determinadas palavras. Outras vezes, envergonhado por ter dúvidas, criei a tática de buscar expressões sinônimas as que eu pronunciava de forma “errada”. Entretanto, esse recurso nem sempre dava certo, a exemplo dos momentos em que ocorriam as atividades de ditado. Como eu iria solicitar a professora que a mesma alterasse a palavra ditada?



Ocasões como essas aqui relatadas eram muitos difíceis para mim; o bullying acabava sendo recorrente; as trocas de letras me colocavam numa situação que estimulava os sorrisos de alguns estudantes. Assim, surgia a frase: “Desculpe Luís, é que você fala de forma engraçada; pode continuar”. Porém, o que ninguém ali sabia era que o meu jeito engraçado ou bonitinho de falar, se despontava como um freio ao meu desenvolvimento.

Ao ingressar nos anos finais do Ensino Fundamental, a situação ficou mais delicada, pois em vez de um professor, passei a ter sete, com aulas que duravam cinquenta minutos. Assim, eu não tinha mais aquele profissional que passava um longo tempo comigo, conhecendo as minhas fragilidades e potencialidades. Me lembro que nesse período, a escola estava em reforma, com poucas salas disponíveis e, por isso, as aulas eram quinzenais. Por conta disso, a minha aproximação com os docentes ficou ainda mais difícil, resultando, inclusive, na minha reprovação escolar.

Eu tinha consciência de que precisava superar as minhas limitações; de que os momentos envolvendo bullying deveriam servir como mola impulsionada para estudar mais. Assim, não sei se era uma questão de personalidade ou de autodefesa, mas comecei a ser uma liderança em sala, buscando sempre estar à frente no cumprimento das atividades, sejam elas individuais ou em grupo. Tal postura me permitiu ganhar o respeito dos colegas; a ser sempre convidado para compor as equipes que se formavam para fazer as tarefas. Passei também a não aceitar que as pessoas fizessem brincadeiras ou piadas com relação ao meu jeito de falar.

Entretanto, mesmo com a minha atitude de enfrentando, os obstáculos sempre surgiam. No Ensino Médio, também inserido em uma escola pública, me via sempre com vergonha de fazer as atividades orais. Diante disso, iniciei a realização de exercícios que me ajudavam na produção do texto oral, decidi assim fazer teatro; mas como eu não tinha recursos financeiros para fazer um curso em Salvador, tive que estudar de forma autodidata, pegando livros na biblioteca municipal do município. Foi quando o teatro de fantoches começou a fazer parte da minha rotina; eu criava bonecos através de “desenhos” presos em palitos de picolé. Essas atividades iam tomando corpo e me auxiliando na superação dos meus problemas com a dicção.

Do teatro de bonecos para a criação de cenas, foi rápido, mas para isso, precisei de um empurrão. Um dos amigos da minha mãe querendo ser engraçado, após assistir uma das minhas apresentações na rua, na frente da minha casa, exclamou de forma irônica: “todos os seus personagens de fantoche são gogos”. E como se não bastasse ele questionou se não teria alguém que falasse certo naquele elenco. Sobre isso, Prado (2017, p. 01) afirma que os

“conflitos e provocações entre amigos são algo natural”, porém “nem sempre são inofensivos: na verdade, quando viram bullying, podem ser mais prejudiciais do que aquele praticado por outras pessoas”.

Surgiu daquele fatídico momento o grupo teatral “Amor na Terra”, criado por mim, com o auxílio de colegas e vizinhos; oriundo da necessidade de superar as barreiras que eu enfrentava. Com eles, eu ensaiava as cenas teatrais no horário oposto ao da escola; estudava teatro e assistia filmes e novelas para poder aprender a dramatizar com mais qualidade. Como eu lia bastante, aos poucos, fui me familiarizando com novas palavras e, por conseguinte, a minha escrita ficava cada vez melhor.

Como o tempo, as pessoas passaram a conhecer o meu trabalho e a me convidar para participar de alguns eventos. Foi nesse período que eu percebi a necessidade de elaborar os meus próprios textos para dramatizar; para cada um deles, de acordo com o tema, eu desenvolvia meus escritos teatrais; tudo de forma gratuita. Na oportunidade, ressalto a parceria dos meus professores que além da indicação de livros para leitura, faziam as correções ortográficas e gramaticais dos meus escritos.

Dessa forma, o teatro teve muita importância na minha vida; através dele, descobri as minhas habilidades teatrais, levei alegria para muitas pessoas e, sobretudo, fui aprendendo a lidar com as minhas limitações.

Ao completar 19 anos decidi entrar na universidade, porém, mesmo tendo aprendido a enfrentar as críticas e risos das pessoas que estavam ao meu redor, eu tinha medo de ser discriminado nesse espaço. Então, me matriculei no curso de Administração no formato EAD – Ensino a Distância. Para mim, evitar o contato direto com outros estudantes e com os professores, era o melhor caminho para me preservar.

Inquieto, durante todo o curso de Administração, pela minha falta de coragem de fazer um curso presencial, resolvi, nesse formato, cursar Artes Cênicas. Para isso, precisei passar por alguns testes/exames de aptidão para o curso de teatro. Certo dia, ao verificar os resultados, a professora disse que eu tinha ido muito bem na apresentação e que estava aprovado. Porém, para ter sucesso no meu curso, seria necessário resolver o problema de dicção. Mesmo não conhecendo as possibilidades de tratamento, eu respondi que iria buscá-lo. Ali eu percebi, mais uma vez, que enfrentaria ainda muitos percalços, que a luta seria diária para que o freio lingual não freasse meus sonhos.

Além do trabalho com teatro, eu, deste os 17 anos de idade, era também instrutor de informática. Já então em contato com a sala de aula e diante da oportunidade de estudar na

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab, resolvi cursar Licenciatura em Pedagogia. Como eu sabia que a referida instituição tinha um trabalho voltado para o fortalecimento e o respeito as diferenças, ela jamais permitiria que eu sofresse qualquer tipo de violência. De fato, eu não estava enganado, pois não sofri nenhum tipo de discriminação nesta instituição, mas, assim como o freio, as angustias continuavam comigo.

Algumas vezes, pensei em fazer a frenectomia, porém, a preocupação com o resultado da cirurgia, me fez até aquele instante adiar o procedimento. Com as demandas profissionais, bem como a necessidade de me comunicar cada vez mais no interior da universidade, tomei a decisão de fazer tal procedimento. A cirurgia tem trazido ganhos de mobilidade da língua, entretanto, ainda continuo com problemas de dicção, o que faz necessário o acompanhamento por parte de um fonoaudiológico.

#### **4 O FREIO LINGUAL NO AMBIENTE PROFISSIONAL**

Meu primeiro trabalho, foi informal, no balcão de uma padaria. Nesse espaço, eu era referenciado como o “Gaguinho da Padaria”, ou até abordado da seguinte forma: “Tem pão de sal gaguinho?”. Nesta época eu tinha 14 anos e não serei hipócrita em dizer que sempre encarei como brincadeira, pois diversas vezes chamei a atenção de algumas pessoas. E, assim, como na escola, procurava sempre palavras substitutas para aquelas que eu pronunciava de forma “errada”, dessa forma, evitava arrancar sorrisos inesperados ou repetições pejorativas.

Já com 17 anos, comecei um estágio em uma escola de informática, espaço em que pude trabalhar com crianças e adultos. Me lembro com clareza de uma situação delicada, que me deixava impotente, quando as crianças, sem querer, repetiam ou reproduziam aquilo que eu falava. Como iria dizer para uma criança “cuidado com o carro”, se a minha pronúncia era “cuidado com o Garro”. Sobre isso, Franchi (1992, p. 31) afirma que:

[...] a linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de desconstrução, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo[...]

Outras experiências marcantes com as crianças, em sala de aula, foram quando as mesmas, em fase de descoberta do fabuloso mundo da alfabetização, quiseram me ensinar a falar, ou ainda quando não conseguiram entender o que eu, o professor Luís, queria dizer.

Avalio, inclusive, que se houvesse uma pirâmide onde eu organizasse os constrangimentos que vivenciei, essa última seria a pior.

Das minhas vivências profissionais, uma grande parte ocorreu no espaço da sala de aula, trabalhando com informativa ou com teatro. Nas aulas da primeira, como era necessário utilizar expressões em inglês, para não pronunciar equivocadamente, eu escrevia no quadro. No teatro, a minha preocupação era menor; assim, eu aproveitava o palco para mostrar a importância de termos um novo olhar para as pessoas com deficiências, sejam elas quais forem, e mostrar que a capacidade de expressar um sentimento não está somente atrelado ao falar, mas também ao ouvir e respeitar as diferenças.

Algo que sempre me impacientou, era o primeiro contato com a minha turma de estudantes. Como realizar uma apresentação de chegada/início? Como eles vão reagir diante da minha troca de letras? Quais palavras posso utilizar neste primeiro momento? Diversas perguntas me corroíam a cada início de trabalho. Assim, eu buscava ser o mais sério e concentrado possível. Porém, mesmo utilizando desse recurso, diversas vezes, ouvi risadinhas, e crianças perguntando por que eu falava deste jeito. Claro que nessa segunda situação, via que a mesma não passava de uma curiosidade infantil. Já quando se tratava de adolescentes e adultos, mesmo quando não falavam nada, os olhares eram mais perversos e faziam um estrago pior que mil palavras.

Nesse contexto, Adorno (1972, *apud*, CROCHIK, 2012, p. 42) destaca que “Sem a possibilidade de expressão não podemos sequer ter experiências, pois essas não podem ser compartilhadas pela linguagem e por meio do conteúdo que indica a realidade de nossa existência e a possibilidade de sua alteração”. Tal afirmação me sustenta no pensamento de buscar nas expressões, obter experiências.

Como eu sempre arranquei sorriso das pessoas, seja em decorrência da língua presa, ou por meio do teatro, me tornei o “Palhaço Alegria”, animando aniversários e utilizando a pronúncia para fazer as pessoas rirem; profissão que inclusive ainda exerço. Aqueles que me contratam, sem saber da minha deficiência, relatam que o personagem é tão bom que até o modo de falar é diferente. Nessas situações, o que é para ser um elogio, acaba sendo qualquer outra coisa, menos isso. Ser um palhaço, inicialmente, foi um refúgio a vergonha e a seriedade que eu sempre precisei ter quando alguém ria ou fazia piada.

Hoje, o personagem “Tio Alegria” não é mais um escudo para mim. O que antes era uma estratégia de enfrentamento, hoje é uma profissão que me faz sentir bem, ser eu mesmo. Apesar de estar maquiado/fantasiado, consigo falar sem ter temor de não ser compreendido.

Assim, o que sem maquiagem se mostra como problema de dicção, com o “Tio Alegria”, se apresenta como um diferencial, um jeito único de animar.

Embora tendo dificuldades com a língua portuguesa, eu sempre escrevi; em alguns momentos para desabafar, em outros para as atividades de dramatização ou até mesmo a produção de poemas. Com isso, comecei a organizar alguns livros, sendo que atualmente tenho quatro obras registradas. Inicialmente, os erros ortográficos eram frequentes, mas a cada produção, eles foram ficando menos recorrentes.

Sintetizando, o trabalhar foi e tem sido para mim, a garantia da minha sobrevivência física/existencial, mas também mental/emocional. O palhaço, o criador de fantoches, o escritor, todos eles, foram em algum momento, mecanismos camufladores das cicatrizes que em mim habitam, resultantes desse meu acompanhante, por vezes perturbador freio lingual.

## **5 EU ENQUANTO EDUCADOR COM FRÊNULO**

Hoje, com 43 anos de idade, com muitas marcas, fico pensando em quantas outras pessoas passaram ou lidam com situações similares, sejam por que possuem o freio lingual ou outro tipo de deficiência. Reflito também acerca de que maneira eu posso contribuir para evitar ou reduzir o surgimento de experiências como as minhas. Eu, docente de informática desde os 17 anos, e agora em fase de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, me sinto na responsabilidade de ter posturas outras que os meus professores não tiveram; quero fazer diferença na vida dos meus estudantes.

Dessa forma, procuro sempre conhecer os meus educandos, identificar as suas dificuldades e potencialidades. Para isso, a escuta e a observação são ações cotidianas na minha prática. Entendo que nenhum indivíduo que frequenta a sala de aula está ali por acaso; ele tem uma trajetória de vida; tem especificidades e necessidades, cabendo ao professor conhecê-las e entendê-las. Nem sempre saberemos tudo ou estaremos preparados para lidar com a diversidade e as adversidades na sala de aula, mas temos o dever de buscar o conhecimento, de estar disposto a aprender, de investir na nossa formação continuada.

[...] o processo formativo não se esgota no momento inicial, sendo a formação continuada percebida como um dos fatores imprescindíveis para que os profissionais de educação possam atuar, efetivamente, com todos os alunos sob sua responsabilidade em classe regular e no ambiente escolar, de maneira mais ampla, por mais diversificado que esse grupo se apresente (MARTINS, 2012, p. 36)

Vale destacar a importância de que os órgãos de educação responsáveis pelo sistema educacional ofereçam oportunidades de capacitação. A escola precisa de apoio para desenvolver cursos de extensão, palestras, seminários, entre outros, haja vista que a formação continuada também ocorre no espaço escolar.

Como já ressaltai neste texto, em uma sala com estudantes com deficiências, que requerem um acompanhamento individual e contínuo, o professor deve buscar conhecê-las, uma vez que, como aponta Pimentel (2012, p. 142) as mesmas “não podem ser tratadas genericamente”; cada uma delas tem suas especificidades.

Compreendo que além de conhecer as necessidades do estudante e as especificidades da deficiência, outro passo é adequar os conteúdos e objetivos de ensino, de forma que seja possível trabalhar as habilidades e competências que o estudante precisa alcançar. Sobre isso, Pimentel (2012, p.143) defende que para o professor realizar a “a adaptação curricular de modo a assegurar o atendimento à diversidade existente em sua sala de aula, ele precisa refletir sobre o currículo proposto, questionar os conteúdos existentes e objetivos previamente definidos, tendo como parâmetro a realidade de sua turma”.

É necessário também adequar os procedimentos didáticos. Em uma sala de aula, nem sempre iremos desenvolver as mesmas atividades com todos. Cada um que está ali tem um tempo diferente para aprender. Destaco a importância de realizar adequações na avaliação, diversificando os instrumentos e aplicando-os nas diferentes ocasiões do período escolar, de maneira que seja possível diagnosticar as carências e os aprendizados (PIMENTEL, 2012). Assim, é importante uma prática avaliativa diária.

É através de uma prática avaliativa, ou seja, investigativa, que o professor vai, por exemplo, diagnosticar se um erro ortográfico tem relação apenas com uma carência na alfabetização ou se está atrelado a um problema maior, como o freio lingual, que leva o indivíduo a trocar os fonemas.

Ressalto ainda a importância da parceria família e escola. Nem sempre a primeira é participativa na vida escolar da criança e, por isso, a segunda precisa buscar estratégias para aproximá-las. É a família que permitirá que o professor conheça melhor a criança; que dará continuidade ao trabalho iniciado na sala de aula, bem como o primeiro feedback dos resultados do trabalho da escola. É ela que garantirá que os procedimentos iniciados na sala de aula sejam ampliados em casa, garantindo que o estudante tenha um melhor desenvolvimento.

Além de fortalecer a parceria família e escola, é importante também ações mais enérgicas contra o bullying; o mesmo precisa ser denunciado e enfrentado com ações preventivas e de conscientização de toda a comunidade escolar. O bullying quando não é devidamente combatido, além dos impactos na saúde mental do estudante, acarreta a reprovação ou o abandono escolar. Infelizmente, na minha trajetória escolar, eu não pude contar com profissionais que tivessem posturas mais ativas contra essa prática violenta, o que afetou a minha saúde emocional e social, me levando a reprovação escolar.

Felizmente eu não desisti da escola, mas essa não é a realidade de muitas pessoas. Assim, eu um educador com frênuo, buscarei sempre ter um olhar apurado e de escuta sensível dos estudantes. Cabe a mim e a todos nós que somos educadores, assegurar a cada sujeito que frequenta o espaço escolar, a garantia do direito de uma educação de qualidade, que respeita os diferentes percursos de aprendizagem

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste texto, busquei, através das minhas memórias, narrar uma parte da minha história. Nessas poucas linhas, rememorei de forma reflexiva sobre como enfrentei as dificuldades oriundas da anquilosia, no âmbito familiar, escolar, social e profissional. Discorri sobre os diversos espaços que me inseri ou deixei de ser inserido, dos encontros e desencontros que são naturais nas relações e interações humanas, sobretudo quando você é o diferente entre aqueles denominados “normais”. Nesse sentido, Silva e Silva (2018, p.84) colocam que em uma “escrita de si”: “[...]; o sujeito trará consigo também, o espaço e em que se insere, bem como os grupos sociais aos quais pertence. Logo, uma escrita de si nunca será a história de um sujeito isolado, neutro”.

Destaco a importância do trabalho autoetnográfico, à medida que me permitiu ler e compreender o meu passado. Através desse método, pude discorrer sobre sentimentos e vivências que não seriam aqui descritas com tanta prioridade se não fossem narrados por mim. Acrescento que, em alguns momentos, ao descrever um fato, revivi as emoções de quando as mesmas aconteceram.

Considerando a pouca literatura sobre o tema aqui tratado, evidencio que não foi uma escrita fácil. A maioria dos textos produzidos discute o freio lingual no campo da saúde, o que dificultou maiores abordagens numa perspectiva educacional. Porém, ainda que com a

escassez de textos, busquei me apoiar em diferentes estudiosos que muito contribuíram para as reflexões aqui construídas.

Espero com este texto auxiliar no debate em torno da educação inclusiva, sobretudo em relação ao trabalho da escola com as crianças com deficiências. Como já destaquei, é importante que no espaço da sala de aula, o professor conheça os estudantes; compreendam que os mesmos não são iguais e que possuem ritmos distintos de aprendizagem; o educando precisa se sentir verdadeiramente incluído na escola, reconhecido por suas limitações, mas também pelas potencialidades.

Por último, lembro, de algo que muito me ajudou ao longo da minha vida, que foi o acolhimento, os laços afetivos construído no meu espaço familiar. Nessa instituição social, eu fui devidamente aceito, respeitado e amado. Os afetos me afetaram, me fortalecendo para encarar as adversidades, a não desistir dos meus sonhos, a ser o que sou hoje, um educador com frênuo. Assim, desejo que a afetividade, para além do ambiente familiar, esteja também na escola e nos diversos espaços sociais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei no. 13.002 de 20 de junho de 2014**. Brasília, DF; 2014.

CROCHIK, José Leon. Educação inclusiva e preconceito: desafios para a prática. *In*: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 39-60. Disponível em [file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20\(3\).Pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20(3).Pdf). Acesso 06 de fevereiro de 2023.

FRANCHI, Carlos. Linguagem - Atividade Constitutiva. **Cad.Est.Ling**, Campina, (22), 9-30, Jan./Jun. 1992. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636893/4615>. Acesso em 08 de fevereiro de 2023.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/5872>. Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

GOMES, Erissandra; ARAÚJO, Fernando Borba de; RODRIGUES, Jonas de Almeida. Freio lingual: abordagem clínica interdisciplinar da Fonoaudiologia e Odontopediatria. **Revista da Associação Paulista de Cirurgios Dentistas**, v. 69, n. 1, p. 20-24, 2015. Disponível em: [http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0004-52762015000100003&script=sci\\_arttext](http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0004-52762015000100003&script=sci_arttext) Acesso em 06 de fevereiro de 2023.



MARTINS, Lucia de Araújo. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. *In: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.* Salvador: EDUFBA, 2012, p. 25-38. Disponível em [file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20(3).pdf). Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

PIMENTEL, Susana Couto. Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos. *In: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.* Salvador: EDUFBA, 2012, p. 139 -158. Disponível em [file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20(3).pdf). Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

PRADO, Ana. Bullying é mais prejudicial quando praticado por amigos. **Super Interessante**, 16 de nov, 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/como-pessoas-funcionam/bullying-e-mais-prejudicial-quando-praticado-por-amigos/> Acesso em 08 de fevereiro de 2023.

PROCOPIO, Iryana Marques Sena; COSTA, Vanessa Polina Pereira; LIA, Erica Negrini. Frenotomia lingual em lactentes. **Revista da Faculdade de Odontologia-UPF**, v. 22, n. 1, 2017. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rfo/article/view/6849/4326>. Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Marilda Carneiro. Universidade Estadual de Feira de Santana: trajetórias, desafios e proposições para a inclusão no ensino superior. *In: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.* Salvador: EDUFBA, 2012, p.435-450. Disponível em [file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva%20(3).pdf). Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SILVA, Hudson Marques; SILVA, Josimere Maria. Escrita de si e memória: a narrativa como testemunho de vidas. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 2, p. 82-91, 2018. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5386>. Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. *In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: Construindo saberes em educação.* Porto Alegre: Editora Zouk, 2005. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20e%20o%20olhar%20necess%C3%A1rio%20aos%20sentimentos.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2023.